

2. Considerações Sobre o Relatório do Premen, de **Abril/72** a **Agosto/75** –
Objetivos do Projeto

MARIA JOSÉ P.M. DE ALMEIDA (FUNBEC-USP)

O primeiro objetivo da área de materiais didáticos coloca "proporcionar a alunos e professores materiais didáticos de boa qualidade e adequados à realidade brasileira". Para atingir esse objetivo, creio que é preciso trabalhar levando em consideração uma teoria educacional, qualquer que ela seja. A verdade é que escolhemos esta ou aquela teoria dependendo se queremos treinar pessoas para tarefas de um ou outro tipo. A escolha, assim, leva em conta as leis vigentes no país. Se vamos treinar pessoas para exercer funções manuais, dentro do espírito do ensino profissionalizante, é possível que uma metodologia baseada em certa teoria educacional seja melhor do que outra. Outro elemento necessário é uma base que justifique um ou outro **enfoque**: por que colocar ecologia num determinado momento, por que eletrônica em outro? Além dessa base teórica, precisamos também de uma caracterização da população: quando falo disso me refiro a professores e alunos, uma vez que, pensamos em ação de um sobre outro. É preciso também levar em consideração a possibilidade real de um projeto ser ou não aplicado.

O PREMEN apresentou nove projetos para o 1º grau e sete para o 2º, em termos de material didático. Analisando-os, bem como a sua justificativa, tivemos oportunidade de perceber que existe, na colocação de objetivos, alguma dica de algumas dessas coisas. Nem sempre esta justificativa aparece de forma muito clara. Mas o importante não é isso e sim o fato de que se a gente pegar um projeto de determinados estados, a gente encontra afirmativas do tipo: o professor de Ciências da faculdade sai preparado para ser um pesquisador, mas não um professor realmente. Num outro projeto, vê-se a preocupação com o nível do professor, com o fato de não poder ser dada uma bibliografia porque o ní-

vel do professor é muito baixo. Isso nos leva à seguinte questão: se o PREMEN está desenvolvendo projetos para todo o Brasil, porque existe esta divergência de pontos de vista ao encarar como será o elemento que vai trabalhar com esses materiais didáticos? Acho que isso é apenas um reflexo do que acontece com nós mesmos.

Na exposição anterior, vimos muitas opiniões desencontradas. O que é deprimente é constatar que foram opiniões pessoais, na maioria das vezes. Houve muito poucos dados. Fazemos afirmações desencontradas. Num relatório, encontramos na mesma página a afirmação de que é importante o professor consultar bibliografia, e logo a seguir, que o professor de Ciências não tem o hábito de leitura. Mas não se analisa o significado de ler. Assim, sabe-se indiretamente que há professores em São Paulo que estão em outras atividades, mas não se sabe, não se tem dados concretos sobre isso. Fica tudo ao nível da opinião. A proposta que gostaria de fazer neste sentido é de que uma das preocupações do PREMEN fosse, além de suas atividades, o financiamento de pesquisa básica, não apenas de ordem econômica, como a que procura levantar necessidade de mão-de-obra, mas também de ordem social e psicopedagógica. Com isso, creio que seria possível responder a perguntas como as feitas no último seminário da SBPC, do tipo por que Química no Nordeste e por que Biologia em São Paulo. Isso daria segurança inclusive quanto ao acerto dos materiais desenvolvidos. Proporcionar materiais, a meu ver, não significa apenas chegar ao protótipo. Que controle tem o PREMEN sobre a entrega dos materiais aos professores, em tempos hábeis, inclusive. No ano passado, por exemplo, em São Paulo, professores de Física queriam aplicar o projeto, mas naquele momento ainda não havia possibilidade de conseguir o material.

Quanto à divulgação, o PREMEN cita como meta de 72 um centro de informação de materiais didáticos. Gostaria de receber informações sobre como o Centro está atuando, e se as equipes que elaboram materiais estão informadas umas do

trabalho das outras. Os cursos de treinamento, que seriam uma forma de divulgação, pelos dados do PREMEN, talvez tenham atingido seus objetivos. Mas se nota que para um projeto terminado em 74 e três em 75, temos na fase de utilização experimental, 0,47% de professores, em estimativa do próprio relatório do PREMEN, eram treinados no 1º grau, e no 2º, 1,2%. Passando da fase experimental, temos apenas o projeto de Física com 592 professores, o que representa 2,9%. Vejam que não estou questionando a validade do treinamento, e sim se o treinamento é a melhor forma. Uma alternativa seriam guias de ótima qualidade. Realmente os últimos projetos apresentam guias pelo menos extensos, procurando dar tudo sobre o projeto e ir ainda um pouco além; aí surgem dúvidas do seguinte tipo: o professor está lendo esses guias? Tenho dúvidas. Parece que sofisticação exagerada não está de acordo com as necessidades de professores de todas as regiões do Brasil. Talvez não sejam viáveis projetos para todas as regiões do Brasil. Mas então, que critérios vamos adotar para fazer um projeto para certa região e outro para outra? Proponho não a destruição do que foi feito, mas que se juntem os esforços de entidades e procurar levar um pouco mais em consideração a pesquisa básica em Educação, de forma que se cheguem mais a critérios do que a opiniões pessoais.

3. Observações **Sobre o Relatório do Pernen**

LUÍS FELIPE SERPA (FAFED-UFBA)

Primeiramente, vou tomar dois pontos que o Prof. Ayrton colocou: um é o reconhecimento da heterogeneidade de problemas educacionais do Brasil. Outro: o reconhecimento de que os projetos americanos não eram adequados à realidade nacional. Combinando os dois pontos, poderíamos sofismar que um projeto nacional também não é adequado. Em principio, não é viável ou é questionável um projeto global nesta área de educação de base. Outro ponto, a partir de uma participação indireta nos programas do PREMEN, dentro